



48 anos da morte de Che Guevara

Che Guevara e Nós (Foquismo e Guerrilhas)

Guilhermo Lora

**Partido
Operário
Revolucionário**



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

Índice

Apresentação	3
Qual foi nossa atitude diante da descoberta dos restos mortais de Che?	5
Sobre as divergências entre Castro e Che e a posição do POR....	7
Era e é nossa obrigação revolucionária criticar os erros de Che Guevara.....	10
Nossas diferenças fundamentais com o foquismo	13

Apresentação

Ernesto Rafael Guevara de la Serna, conhecido como o revolucionário Che Guevara, foi fuzilado no Valle Grande, área montanhosa da Bolívia, no dia 8 de outubro de 1967. Em novembro de 1966, iniciou a instalação de um foco armado, juntamente com 50 militantes, na região selvagem de Ñancahuazú. Em março de 1967, travam-se os primeiros confrontos com uma guarnição do exército boliviano, orientada pelos Estados Unidos. Em abril, o grupo armado realiza uma ofensiva, mas os camponeses permanecem alheios e o exército boliviano, assessorado por militares norte-americanos, arma o cerco. Che Guevara e seus companheiros conseguem manter-se ativos por quase seis meses. O imperialismo e toda burguesia latino-americana respiraram aliviados diante do fuzilamento do revolucionário argentino.

Em todas as latitudes, as esquerdas que se reivindicam do socialismo condenaram o assassinato de Che Guevara. Na Bolívia, o Partido Operário Revolucionário, trotskista, responsabilizou o governo e os Estados Unidos pelo crime. A data da morte do Che marcou um período histórico e político da América Latina. A revolução cubana demonstrou a possibilidade do proletariado expropriar a burguesia. No entanto, também demonstrou que o movimento nacionalista revolucionário “26 de julho”, liderado por Fidel Cas-

tro, não podia expressar o internacionalismo marxista. A tentativa de reproduzir a revolução cubana por meio da constituição de focos armados, começando pela Bolívia, demonstrou a incompreensão do castro-guevarismo sobre a própria revolução que lideraram e a situação internacional marcada pela degeneração burocrática do Estado soviético. O fracasso do foquismo se deu não por correlação de força desfavorável à revolução, mas sim pelo fato de ser um método de luta estranho ao proletariado. Sem dúvida, a derrota de Che Guevara significou um grande golpe para a revolução cubana. Foi, no entanto, a submissão do castrismo ao estalinismo que finalmente abriu caminho para a degeneração do Estado operário cubano e para o processo de restauração capitalista, hoje com toda evidência.

O POR boliviano se opôs às teses foquistas e teve de enfrentar os ataques da esquerda castrista ou filo-castrista. Os acontecimentos deram razão ao marxismo-leninismo-trotskismo.

Publicamos um documento de Guillermo Lora de julho de 1997. Estamos preparando uma edição do folheto “As Guerrilhas (a concepção marxista contra o golpismo aventureiro), escrito em 1963, portanto, três anos antes de Che Guevara se instalar na Bolívia. O folheto foi uma resposta ao livro de Che Guevara “Guerra de Guerrilhas”. A trágica experiência do foquismo, sem dúvida, nos deixou inestimáveis lições para a construção do partido e para o processo revolucionário.

Qual foi nossa atitude diante da descoberta dos restos mortais de Che?

Esta foi a pergunta que nos foi feita, no dia 10 de julho de 1997, por um jornalista de um canal de televisão de La Paz. Como é habitual, neste momento prevaleceram as expressões de elogio, admiração e quase nenhuma de crítica diante da descoberta do cadáver do líder do foquismo. O acontecimento tampouco escapou à característica marcante da sociedade capitalista: foram inventadas formas para converter em dinheiro a admiração e a curiosidade das pessoas pelo líder do foquismo, acentuadas pelo que ocorreu em Camiri. Claro que não fomos arrastados por nada disto.

Como não podia ser, permanecemos firmes em nossa já conhecida e clara posição perante o foquismo e seus teóricos. A descoberta do local onde o cadáver de Che foi sepultado, o velório de seus restos mortais e todas as homenagens realizadas não poderiam nos motivar a revisar nossa já tradicional concepção acerca da necessidade do uso da violência revolucionária para poder acabar com a sociedade capitalista corrupta e em desintegração.

Batalhamos cotidianamente por ajudar os explorados a conquistar sua independência ideológica e organizativa diante da classe dominante e seus governos de plantão,

ponto de partida para a evolução da consciência de classe. Quase todo o nosso trabalho pode se resumir em fazer com que o proletariado se transforme em classe consciente, porque só assim a necessidade histórica da ditadura do proletariado pode se tornar realidade. As atitudes que assumimos diante de Che e de sua memória se enquadram nesta posição.

Nossas divergências com o castrismo, o foquismo e Che são profundas, de princípios e que não podem ser simplesmente esquecidas. Alguns podem pensar que a morte obriga que se esqueçam as divergências e as discussões. Não aceitamos esta advertência porque a polêmica em que estamos empenhados é ideológica, programática.

Como na tradição bolchevique, somos solidários com os lutadores perseguidos e com os países que sofrem a agressão do imperialismo, mas isto não pressupõe abandonar as divergências e não as discutir. É bom não esquecer que em nenhum momento deixamos de trabalhar em favor da maior politização das massas.

Sobre as divergências entre Castro e Che e a posição do POR

Muito se tem escrito e especulado sobre as divergências entre Che Guevara e Fidel Castro, que inclusive teria causado a saída do primeiro de Cuba. A verdade é que nós não fazemos a separação entre os dois dirigentes e continuamos considerando ambos como expressões de uma política e de um método de luta concretos: o foquismo, que é totalmente diferente da guerra de guerrilhas, se tomamos como referência a classe operária e as massas.

Elaboramos uma detalhada crítica do “A Guerra de Guerrilhas” de Che Guevara e escrevemos outros documentos sobre este método de luta (sobre o tema pode ser consultado o “*Foquismo e revolução*” e também as “Obras Completas”), mas não mantivemos uma polêmica direta com os líderes do foquismo. De maneira atravessada, houve diferenças e exposições de posições contrapostas às do POR boliviano e com os que formavam parte do Comitê Democrático do Povo (CODEP), quando se organizava a Tricontinental, que alguns comentaristas julgaram como aproximações, afinidades, entre os trotskistas bolivianos e o Che, portanto, choque com Castro.

Estamos nos referindo, de maneira concreta, a Rubén Vásquez Díaz (“*Bolívia na hora do Che*”, “Siglo XX”) e a Luis

M. González (“*As mortes de ‘Che’ Guevara*”, Editorial Argos Vergara”).

O primeiro autor parte de uma conversa jornalística que teve com G. Lora e estranhamente coloca que este havia se identificado com o foquismo, quando já circulava sua crítica a “As Guerrilhas do Che”.

González - somente conhecemos os trechos que se referem ao POR boliviano - parte de “*Bolívia na hora do Che*” e acrescenta uma gravíssima confusão ao identificar o POR boliviano com as atitudes excêntricas, e até extraterrestres, do posadismo, grotesca caricatura do trotskismo.

Em outra oportunidade, já afirmamos que os impositores - usamos este termo no lugar de “revisionistas” - do marxismo afirmaram, entre seus múltiplos absurdos, que na Bolívia não foi assassinado o Che, mas sim um sócia, etc., sob a responsabilidade dos governantes cubanos. A este extremo, Fidel respondeu com uma ácida crítica pública ao “trotskismo”, feita nas discussões da Tricontinental, que estava sendo fundada. A confusão chega ao ápice quando se afirma que a crítica de Castro, “teorizada”, “é o tema principal do livro de Régis Debray “Revolução na revolução”. Desta vez se dá a entender que a crítica de Lora - disse que o escrito de Debray “não guardava nenhuma relação com o marxismo - era a mesma que a do secretário do PCB”... e assim por diante. O fato é que Lora não ocultou sua aversão à ideia de que os poristas se apresentassem “como vulgares seguidores do infeliz Posadas”.

Deve-se insistir que para González o POR-Lora é o mesmo que o POR-Posadas. Em “*As mortes de ‘Che’ Guevara*” se afirma: “O POR é membro da IV Internacional (trotskista). Batizada ‘IV’ depois da cisão originada por Posadas”.

Algo mais grave. O mencionado autor diz arbitrariamente o seguinte: “Acrescentamos, antes de passar à Conferência Tricontinental em si, que antes da abertura da mesma aconteceu uma violenta discussão entre Fidel Castro e Lora, secretário geral do POR (Partido Operário Revolucionário da Bolívia)”.

Isto é totalmente falso. A decisão de que os delegados

do CODEP não ingressariam nas deliberações da Tricontinental foi tomada pela cúpula e tudo se reduziu a comunicar a decisão aos delegados bolivianos. Esclarecemos que a delegação do CODEP não foi presidida por Lydia Gueiler do PRIN, como equivocadamente informa González.

Somente mais tarde, o porista Lora trocou ideias com Castro - pela primeira vez e em Havana - em torno do programa e da tática que colocou em prática a Frente Revolucionária Anti-imperialista (FRA). O governante cubano ficou impactado, porque praticamente toda a esquerda boliviana se agrupou ao redor do programa e da direção proletários. Os bolivianos deixaram claramente estabelecido que não pediam dos revolucionários cubanos nenhuma forma de ajuda econômica, mas pediam o apoio a uma determinada política com o objetivo de concretizar a revolução social.

Diga-se, de passagem, que nem todos os que se somaram à FRA se tornaram, por este fato, revolucionários bolcheviques. O que aconteceu foi que as direções partidárias, cedendo a uma poderosa pressão de suas próprias bases e para não ficarem totalmente isoladas das massas, em processo de radicalização, se viram obrigadas a se submeterem a esta obra do trotskismo. Como era de se esperar, nem bem se apresentou uma conjuntura que lhe era favorável, os oportunistas e alheios à política revolucionária conspiraram abertamente contra a FRA.

Era e é nossa obrigação revolucionária criticar os erros de Che Guevara

Em várias oportunidades, afirmamos que a poderosa corrente foquista - que seguiu à vitória de Castro e de Che em Cuba - não causou o menor dano ao POR da Bolívia e tampouco deixou suas marcas nele. Durante a terceira cisão do partido revolucionário foi possível constatar a presença oculta de uma tibia posição filo-foquista, que estrategicamente se identificava com o nacionalismo de conteúdo burguês - uma das expressões mais acabadas é o MNR.

Deve-se reiterar que o POR se distinguiu - inclusive com relação aos partidos trotskistas de vários países - por sua crítica franca e persistente ao foquismo, por este ser uma forma de luta estranha ao marxismo e às massas, particularmente ao proletariado. Inclusive esta crítica, no momento de maior euforia do castrismo, contribuiu para o relativo isolamento do POR, mas em última análise se converteu em um fator de seu fortalecimento, que se traduziu em sua vigência dentro da política boliviana. Esta luta contribuiu para o fortalecimento programático do partido bolchevique, no campo político e organizativo.

Tudo isto explica porque continuamos difundindo, na Bolívia e além de suas fronteiras, a contribuição porista de

crítica ao foquismo.

É conhecido que uma boa parte do trotskismo mundial - particularmente o chamado pablismo ou Secretariado Unificado da suposta IV Internacional, o mandelismo revisionista e até a maioria do SWP norte-americano - foi ganho pelo castrismo, pelo foquismo cubano. Nesta questão, a nossa posição foi e continua sendo clara. Combatemos sem trégua - por exemplo no seio do CORQUI, do lambertismo - esse claro revisionismo, esse abandono público e aberto do marxismo-leninismo, pode-se dizer o abandono, inclusive, das posições clássicas neste terreno.

Defendemos e continuamos defendendo que as organizações e os indivíduos que aderiram ao castrismo, ao foquismo, às tendências que substituem as guerrilhas protagonizadas pelas massas pelo foco elitista, não fazem outra coisa a não ser mudar de conteúdo de classe, que sua política e sua estratégia ignoram o proletariado revolucionário, orientando-se em direção ao democratismo burguês. Deixaram de ser bolcheviques para se tornarem eleitores, oportunistas e até pró-estalinistas, como foi o caso de Mandel.

O que foi dito acima nos obriga a excluir a maioria dos pablistas-foquistas como possíveis revolucionários. É certo que alguns indivíduos equivocados podem converter-se em marxistas-leninistas-trotskistas, mas é necessário que superem sua velha política errônea e devem necessariamente submetê-la a uma severa autocrítica, de maneira que revelem as causas pelas quais deslizaram para o antimarxismo. A tática correta consiste não em perder tempo propondo aos revisionistas e foquistas um trabalho comum ou a fusão organizativa, mas em construir verdadeiros partidos bolcheviques, encarnação do marxismo-leninismo-trotskismo. Não se pode esquecer que nossa finalidade estratégica se sintetiza na revolução social e na ditadura do proletariado.

Se o foquismo é estranho às massas e particularmente ao proletariado, se se desenvolve às costas destes, então o que é? O foquismo é a expressão do desespero e do aventu-

reirismo dos grupos pequeno-burgueses, que quase sempre desembocam no campo da política burguesa. É bom lembrar que quando discutíamos com alguns grupos de universitários, com a finalidade de ganhá-los para a política bolchevique, nos respondiam que nossos argumentos lhes pareciam acertados, mas que, como para a sua materialização tinham de esperar muito tempo, corriam o risco de morrerem sem fazer nada. Estavam seguros de que o foquismo preenchia sua inquietude e seu desespero por considerar que corriam o risco de não alcançar o heroísmo.

Partimos do entendimento de que os castristas se afastam do materialismo histórico e se negam a utilizá-lo como método para elaborar a sua política, enfim, sua finalidade estratégica. Não é casual que se juntassem a setores da Igreja Católica. A base de nossas ideias e de nossa luta é o materialismo dialético, que parte da convicção de que não foi Deus que criou o homem, mas o homem que criou Deus.

Os foquistas se afastam das leis da história - não é casual que virem as costas ao processo de desenvolvimento da consciência de classe do proletariado -, não compreendem que o proletariado é a expressão das forças produtivas, a força capaz de transformar radicalmente a sociedade. Estão seguros de que são os heróis que fazem a história, e não as massas, as vezes iletradas. Não compreendem que a política revolucionária está chamada a superar a contradição fundamental que ocorre na base econômica da sociedade e que socialmente se expressa na luta entre a burguesia e o proletariado, que abre a necessidade histórica de sua ditadura de classe.

Nossas diferenças fundamentais com o foquismo

Partimos do convencimento de que Che é foquista e de que a consequência do fracasso deste método de luta se expressa atualmente na política de Fidel Castro, contrária ao marxismo e à luta revolucionária.

Quando mostramos nosso rechaço total a este método de luta estamos expressando as diferenças político-ideológicas que nos separam de Che e do castrismo, em seu conjunto. É nossa obrigação mostrar de maneira concreta, clara - e no presente caso sintética - porque nossa política é completamente contrária à sustentada por Che e por Castro.

- 1) Defendemos que a revolução social não pode excluir por princípio a utilização das guerrilhas, mas consideramos que estas são uma guerra irregular, protagonizada pelas massas, pelos setores populares e não por focos elitistas. Em síntese, o foco é a negação da guerrilha, o que nos obriga a rechaçá-lo.
- 2) Voltemos à nossa antiga formulação, que supõe uma objeção séria ao foquismo. As condições econômicas, objetivas, estão maduras para a revolução social - por isto dizemos que é uma necessidade histórica -, em escala mundial, uma vez

que esse é o caráter da economia capitalista. Mas para que esta necessidade histórica se transforme em realidade é imprescindível a presença do proletariado como classe, ou seja, organizado em partido político, que não pode ser substituído por nenhum outro elemento ou organização. Se o proletariado não é classe para si, ou seja, independente da burguesia, tanto política como organizativamente - a este extremo se chega quando se é derrotado pelo foco armado -, não é possível a vitória da revolução social, da ditadura do proletariado.

- 3) O maior equívoco de Che e do foquismo está em defender que o foco armado implica a superação da ausência do partido revolucionário do proletariado e mesmo da maturidade da economia capitalista para o comunismo. Não podemos aceitar nada disto, porque implica a derrota do processo revolucionário.
- 4) Dizemos que os explorados e oprimidos chegarão a ser governo (ditadura do proletariado que em nosso país se chama governo operário e camponês), utilizando o método da ação direta (greve geral, que leva em suas entranhas o germe da insurreição, mobilizações, boicotes, guerra de guerrilhas, etc.), e de nenhuma maneira seguindo o caminho do parlamentarismo eleitoral.
- 5) O anterior supõe que as massas devem usar a violência em suas múltiplas manifestações e que somente nestas condições pode ser considerada revolucionária. É por isto que dizemos que somente aceitamos a guerra de guerrilhas quando protagonizada pelas massas; são estas e não os líderes ou os intelectuais os que fazem e escrevem a história.
- 6) O foco armado, suas ações, são também violência, mas não pode ser considerado revolucionário porque se concebe, se organiza e atua à margem das massas, ignorando-as e até querendo substituí-las, em muitos casos invocando a justificativa cristã de evitar o derramamento de sangue das massas, dos operários, etc. Tratar-se-ia de uma violência des-

necessária, que algumas vezes pode transformar-se em um fator que obstaculiza o desenvolvimento da consciência de classe, do partido político, etc. A consciência de classe se traduz em teoria política, em partido revolucionário. O foco armado, estranho aos explorados e oprimidos, pode realizar muitas ações heroicas, mas por sua própria natureza não contribuirá com o desenvolvimento da consciência daqueles, porque está à margem de sua própria experiência, que é um dos elementos fundamentais para a elaboração da teoria revolucionária.

- 7) A crítica dos fundamentos do foquismo, do castrismo, do escrito e feito por Che é imprescindível para a estruturação do partido revolucionário - expressão da consciência de classe do proletariado, de sua finalidade estratégica -, isto é, para a vitória da revolução social, para sepultar o capitalismo putrefato e para abrir caminho ao comunismo. Entregamos aos leitores esta contundente crítica ao foquismo com a esperança de que possa servir de ponto de partida para a discussão que nos leve a contribuir para a politização das massas, que tantas provas vêm dando de sua vontade de acabar com a classe dominante que tão abertamente serve ao imperialismo.

Julho de 1997

(Obras Completas de G. Lora, Tomo LXIV, pp. 411-423)



Caixa Postal nº 630 - CEP 01059-970 - São Paulo
www.pomassas.org -- [facebook.com|massas.por](https://facebook.com/massas.por) -- anchor.fm|por-massas
